



MUNDO
OPINIÃO

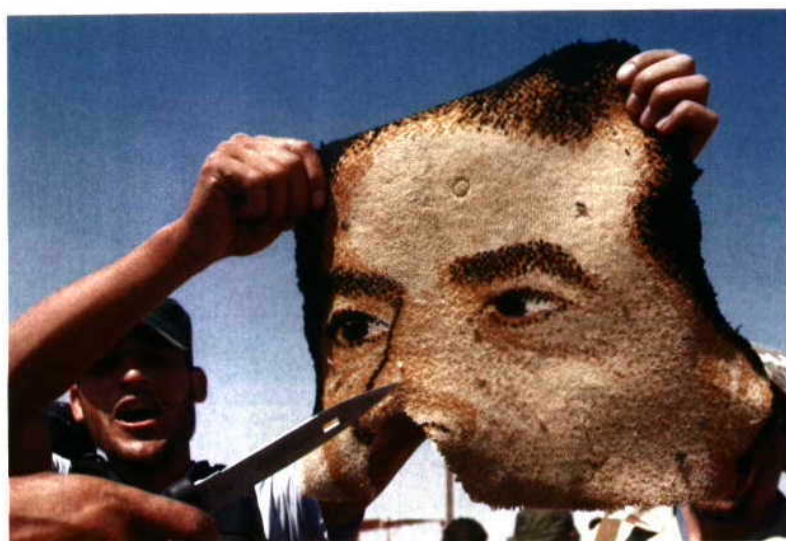


Ana Gomes*

Na Líbia, sem Kadhafi

Visitando Bab-al-Azizia, a praça-forte de Kadhafi em Tripoli, é impossível não reconhecer a precisão cirúrgica dos bombardeamentos da NATO: dentro dos muros está tudo arrasado, mas os prédios de habitação em redor estão praticamente intactos. Famílias visitam os despojos, sob sol abrasador. Ao fim da tarde, na Praça dos Mártires (a «Verde», da ditadura), deambulam milhares de tripolitanos, entre carrosséis para as crianças e palanques para cada um dizer de sua justiça! É a euforia da libertação, como vivemos em 1974.

E, no entanto, ninguém esquece que o país ainda não está controlado (só com Kadhafi apanhado, vivo ou morto, muitos descansarão), nem o sofrimento imposto pelo vingativo ditador. Os amazigh contam-me a resistência heroica nas montanhas, de onde desceram as forças libertadoras de Tripoli. Levam-me a uma das valas-comuns de soldados e aldeões assassinados por recusarem atacar o povo. E mostram-me, em Gilaa, o mercado romano escavado na rocha que estão a desenterrar do entulho com que Kadhafi quis fazer desaparecer essa prova das antiquíssimas origens da comunidade. Asem veio de Boston para assegurar a logística de apoio aos combatentes e diz-me: «Somos pacientes e comidos, basta um nosso no Governo interino...», tal como o líder tribal de Yefren, que aprendeu a esperar 12 anos, nas masmorras de Abu Salim. Já passámos o centro destruído de Zawia, onde, no perímetro da antiga mesquita arrasada por Kadhafi em março, se reza hoje sobre um linóleo com teto de palha. «Aqui é a Universidade 7 Abril», conta-me Rajab, homem de negócios, filho da terra. «Esse é o portão onde foram enforcados, na frente dos pais, os filhos dos professores.» Para lhes dar uma lição por haverem reclamado condições para ensinar. Começou assim o «dia da limpeza»,



KADHAFI Um ditador vingativo com que Lisboa pactuou

instituído daí em diante, em todo o país, para eliminar críticos... As atrocidades que governantes europeus escolheram ignorar para se fazerem negócios começam a ser expostas, como a vala-comum dos 1 200 presos de Abu Salim, assassinados em 1996. Em Misurata [Misrata], o dr. Ismail Fatio nota que o novo sinaleiro não tem um braço: antes, deficientes, drogados ou doentes com sida desapareciam. Como Kadhafi quis que desaparecesse Misurata: vi os tanques escondidos no mercado para bombardear tudo em redor. O centro da cidade, incluindo o novo hospital, está arrasado. E o pior, diz o dr. Fatio, não é a destruição física: há mais de 600 homens e mulheres violados dentro das suas casas,

Levam-me a uma das valas comuns de soldados e aldeões assassinados

à frente das famílias... Jovens do Chade, Níger, Mali, das forças de Kadhafi, foram capturados, com droga e viagra... Na prisão, o diretor é muito religioso, o primeiro líbio a escusar-se a apertar-me a mão. Uma equipa dos Médecins Sans Frontières trata os feridos. Com o dr. Fatio, que passou sete anos em Abu Salim, onde viu morrer o pai e um irmão, percorri camaratas arejadas e falei com presos já visitados pela Cruz Vermelha Internacional.

«Porque vieste combater?» pergunto a um jovem amputado, que diz ser do Darfur. O chefe da aldeia mandou... Depois de cinco dias a esvaír-se, deixado para trás, foi salvo pelos captores. De tudo o que vi e ouvi na visita a Tripoli e Misurata, na semana passada, e, noutra, a Benghazi, em maio, retenho a admirável contenção e as capacidades organizativas dos líbios. Comitês de bairro garantem a segurança e a recolha de lixo, em Tripoli e noutras cidades. Apesar de a campanha militar prosseguir em Sirte e Bani Walid e ainda nem haver Governo provisório, a escola primária reabriu e a secundária vai reabrir, expurgadas das cabotinices do




Livro Verde. O que mostra capacidade de planeamento por parte do Conselho Nacional Transitório (CNT) e incentiva a população, pois, na era Kadhafi, nunca se sabia quando começava o ano letivo. Em maio, em Benghazi, disseram-me que escola só depois de Tripoli cair, para não cristalizar divisões no país. Menos de um mês após a libertação da capital, as escolas abrem. Mas os desafios de segurança e as expectativas de nova governação são tremendos. A população líbia é jovem, mais de um milhão articula-se pela internet, dizem ativistas pró-democracia.

O adiamento do anúncio do Governo interino é já aprendizagem democrática, em busca de inclusão. Visa impedir o prolongamento do vácuo político, mas já alimenta tensões entre forças seculares e islâmicas conservadoras. Estas, apesar de marginais na sociedade, estão mais organizadas, recebem apoios financeiros do Qatar e ganharam élan com a progressão militar. A pedra de toque no processo constitucional e eleitoral que deve seguir-se vai centrar-se no estatuto da Sharia como fonte da lei (uma delas ou «a» fonte da lei?) e no papel das mulheres nos órgãos de poder. Uma razão de peso

para que a UE não se atasque em formalidades e trate de pôr rapidamente no terreno apoios à capacitação da sociedade civil e de media independentes, como se comprometeu na Conferência de Paris, a pedido do CNT [conselho interino] e em articulação com as Nações Unidas.

Da UE os líbios esperam, também, apoio para controlarem as longas fronteiras, incluindo formação de pessoal, o que influirá no desarmamento e reintegração dos combatentes e na reforma do setor da segurança. E no controlo das migrações, que os europeus não podem tratar como antes, sob pressões populistas à la Berlusconi. Ações desestabilizadoras que partidários de Kadhafi possam lançar a partir do Níger ou da Argélia preocupam. Uma missão europeia de Segurança e Defesa Comum devia ser desencadeada: além da segurança da Líbia, está em causa a europeia, com a Al Qaeda no Magreb e no Sahel, ali tão perto....E Portugal, que fazer para se limpar de oito anos arrulhando com Kadhafi? Paulo Portas – que colideu um Governo que cortejou o ditador – apressou-se a aparecer por Benghazi. Fez bem. E agora espera-se que ponha Portugal no Conselho de Segurança a

tratar da entrega às novas autoridades dos bens líbios a descongelar. E que devolva os dois aviões líbios que estão nas OGMA, de preferência carregados de equipamento médico e equipas de médicos e enfermeiros para ajudarem a treinar colegas líbios. E que assegure a identificação transparente de todos os bens líbios investidos em Portugal. Pode também propor a revisão dos procedimentos Schengen, no sentido de facilitar a concessão de vistos a cidadãos líbios – este é o tempo de convidarmos ativistas, sobretudo mulheres e jovens, a virem ver como se organizam eleições e como se vive em democracia. O nosso embaixador já regressou a Tripoli, mas precisa de mais pessoal, até porque há oportunidades económicas a abrir-se para as nossas empresas e é preciso, desde já, facilitar contactos. A Líbia é país vizinho, cheio de potencial, rico, onde está tudo por fazer. Bem governado não beneficiará apenas o povo líbio – toda a vizinhança ganhará. É tempo de Portugal se relacionar com o povo líbio, em todos os azimutes, e de participar no apoio europeu à construção de uma Líbia democrática. 

* Eurodeputada do PS; relatora do Parlamento Europeu ara a Líbia